

## As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente \*

*Viviane Trindade Borges* \*\*

---

**Resumo.** O presente artigo pretende problematizar o uso pelos historiadores de entrevistas realizadas por outros pesquisadores, promovendo a discussão sobre as particularidades de tais documentos. Para isso procuro trazer alguns exemplos de experiências de pesquisa que acabaram motivando tais preocupações, apontando algumas questões de ordem metodológica que inquietam os historiadores do tempo presente. Assim, intenciona-se problematizar as falas gravadas por outros pesquisadores, ou seja, fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, pensando suas potencialidades e especificidades.

**Palavras-chave:** História oral; Fontes orais; Arquivos orais; Arquivos sonoros.

## Recorded interviews: oral sources, oral and sound archives and historical tensions of the present

**Abstract.** Current essay problematizes the use by historians of interviews undertaken by other researchers and discusses the characteristics of such documents. Examples of research experiences which triggered the above concern are analyzed. Methodological issues that preoccupy present day historians are investigated. Recorded discourse, such as oral sources, oral and sound archives, made by other researchers are problematized and their potentialities and specificities are studied.

**Keywords:** Oral history; Oral sources; Oral archives; Sound archives.

---

\* Artigo recebido em 04/02/2012. Aprovado em 02/04/2012. Pesquisa financiada pelo CNPq e UDESC.

\*\* Doutora em História. Professora do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: [borgesviviane@ig.com.br](mailto:borgesviviane@ig.com.br)

## Las pláticas grabadas por los otros: fuentes orales, archivos orales y archivos sonoros, inquietudes de la historia de tiempo presente

**Resumen.** El presente artículo pretende problematizar sobre el uso que los historiadores hacen de entrevistas realizadas por otros investigadores, favoreciendo la discusión en relación a las particularidades de tales documentos. Para ello, presento algunos ejemplos de experiencias de investigación que motivaron estas preocupaciones, apuntando a cuestiones de orden metodológico que inquietan a los historiadores de tiempo presente. Así, se procura problematizar las pláticas grabadas por otros investigadores, o sea, las fuentes orales, los archivos orales y los archivos sonoros, pensando en sus potencialidades y especificidades.

**Palabras clave:** Historia oral; Fuentes orales; Archivos orales; Archivos sonoros.

---

Entre a multiplicidade de fontes que possibilitam o estudo da história do tempo presente, as fontes orais se destacam por seu caráter de testemunho vivo, carregando em si a contemporaneidade intrínseca entre o pesquisador e a testemunha. Mais do que fontes para a pesquisa, são privilégios do pesquisador do presente, constituindo elemento primordial para a problematização da memória, bem como fornecendo elementos para novas investigações. O presente artigo pretende problematizar o uso pelos historiadores de entrevistas realizadas por outros pesquisadores, promovendo a discussão sobre as particularidades de tais documentos. Para isso procuro trazer alguns exemplos de experiências de pesquisa que acabaram motivando tais preocupações, apontando algumas questões de ordem metodológica que inquietam os historiadores do tempo presente. Assim, intenciona-se problematizar as falas gravadas por outros pesquisadores, ou seja, fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, pensando suas potencialidades e especificidades.

De acordo com Voldman:

O arquivo oral seria um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido, logo de início, seu destino natural (2002, p. 36).

Emprega-se a expressão ‘arquivo oral’ para designar a fonte confiada a um órgão público (pessoa física ou jurídica), a qual pode ser consultada atendendo a condições legais habituais pré-estabelecidas, sujeita às diretrizes previstas na Lei de Direitos Autorais brasileira (Lei 9.610/98, ou “LDA”). As instituições que possuem arquivos orais atendem a Programas específicos ligados à história oral, disponibilizando tais fontes aos pesquisadores interessados. O exemplo mais conhecido é o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, o qual criou seu Programa de História Oral em 1975, quando a metodologia estava se firmando em instituições de pesquisa dos Estados Unidos e Europa.<sup>1</sup> Para isso, a instituição deve garantir na Carta de Cessão o uso do material por terceiros, conforme exemplo colocado no “Manual de História Oral”:

Fica pois o (a) [NOME DA INSTITUIÇÃO] plenamente autorizado(a) a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive **cedendo seus direitos a terceiros**, no Brasil e/ou exterior (In: ALBERTI, 2004, p. 135. *Grifos meus*).

Já a fonte oral pode ser entendida como material gravado por um historiador atendendo às necessidades de sua pesquisa, em função de objetivos e hipóteses bem específicos. Cabe destacar que a tendência hoje é preferir a expressão “fonte oral” no lugar de “história oral”, pois tem a vantagem de banalizar o procedimento, visto que todo pesquisador do muito

---

<sup>1</sup> Com cerca de mil entrevistas disponíveis em um banco de dados on-line, o CPDOC propõe-se a registrar acontecimentos e conjunturas específicas da história do Brasil por meio de depoimentos, disponibilizando “conjuntos de depoimentos sobre a formação e a trajetória de agências e empresas estatais, sobre os governos militares e sobre a trajetória de instituições de ensino, entre outros” (CPDOC, 2012).

contemporâneo tem naturalmente, sem fazer muito alarde, o recurso às testemunhas orais (FRANK, 1999, p. 105).

O historiador que produz e faz uso das fontes orais em sua pesquisa não tem a obrigação de tornar público tais documentos, ou seja, não precisa necessariamente disponibilizar o material produzido a consulta de outros pesquisadores, não havendo a preocupação com o uso por terceiros nas Cartas de Cessão comumente utilizadas, inviabilizando inclusive que os depoimentos gravados sejam disponibilizados na íntegra junto ao trabalho, ou doados a instituições de pesquisa:

#### CARTA DE CESSÃO

(local e data)

Destinatário,

Eu, (nome, estado civil, documento de identidade, declaro para os devidos fins **que cedo os direitos autorais de minha entrevista** gravada em (datas das entrevistas) para (**nome do entrevistador**) usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa cara de cessão, subscrevo a presente (LÚCIDE; KALIL, 2009. *Grifos meus*).

Desta forma, nos trabalhos acadêmicos são citados apenas recortes selecionados dos trechos explorados pelas necessidades da pesquisa e nada mais. Essa característica marca a construção e o uso de fontes orais pelos historiadores e contraria um dos princípios colocados pela própria disciplina, que prima por construir um “extratexto”, articulando o texto escrito a uma exterioridade, assegurando sua credibilidade (CERTEAU, 2000, p. 102). Tenho observado que a impossibilidade de consultar as fontes orais, construídas para fins específicos de determinada pesquisa, tem sido tema recorrente em sala de aula, dentro das disciplinas que ministro, tanto com os alunos ingressantes, da disciplina de “Iniciação à Pesquisa Histórica”, quanto da disciplina optativa “História do Tempo Presente e História Oral: pressupostos teórico-metodológicos”, oferecida aos alunos dos semestres finais. A ideia de referendar todas as fontes consultadas possibilitando que outros pesquisadores refaçam o

caminho traçado ou que busquem as fontes elencadas para serem analisadas no contexto de suas próprias pesquisas, faz das fontes orais exceções, pois os interessados raramente terão acesso às entrevistas completas, mas somente aos trechos citados pelo pesquisador em seu estudo. Tal característica pode ser encarada como uma das especificidades da história oral, contudo, ao contrário de elementos como a subjetividade, que potencializam a construção e uso de entrevistas, a impossibilidade de acesso à fonte pode ser entendida como uma limitação que fragiliza a história oral enquanto técnica, disciplina e metodologia de pesquisa. Sob a perspectiva da história do tempo presente, passamos a entender que todo o pesquisador do contemporâneo pode recorrer aos testemunhos orais, o que não confere a tais documentos nenhum caráter especial. Desta forma, as fontes orais constituem mais uma possibilidade entre a multiplicidade de fontes que possibilitam o estudo da história do tempo presente. Essa perspectiva busca banalizar a construção e uso dessas fontes, contudo, a impossibilidade de acesso às entrevistas cujos fragmentos são aludidos em dissertações, teses, artigos, livros, etc acaba investindo as fontes orais de características peculiares, que as diferem das outras fontes, particularizando-as em forma negativa. Assim, de maneira geral, o autor seleciona aquilo que considera importante, pois só ele tem acesso à fonte por ele mesmo criada. Contudo, esse zelo por manter a fonte quase em segredo não impossibilita que outro pesquisador interessado extraia determinado trecho mencionado e o utilize para fins de sua própria pesquisa, ainda que fazendo referência ao trabalho citado, o que denominamos de “apud”, expressão em latim que significa citação de citação. Como impossibilitar o uso por terceiros nesse caso? E voltando à questão levantada anteriormente, como possibilitar o pacto de verdade com o leitor que permite que este refaça o caminho da pesquisa? Como podemos refazer o caminho se a fonte citada é de uso exclusivo do próprio pesquisador que a produziu?

No que se refere à disponibilidade do material produzido à consulta por outros pesquisadores, o modelo de Carta de Cessão acaba legitimando o uso restrito da fonte e, em alguns casos ao longo da história da história oral, pode ser percebido como uma carta de restrição. Cito o exemplo de um modelo de “Contrato de Doação” usado no final da década de 1970, por um professor da rede pública que intencionava fazer seu mestrado em História na Universidade Federal de Santa Catarina.

### CONTRATO DE DOAÇÃO

Eu [nome], [nacionalidade], [estado civil], [profissão] e domiciliado na cidade de [nome da cidade], Estado de Santa Catarina, venho por meio deste **doar** ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, para seu uso e administração, todos os meus direitos de posse e interesse, **com exceção a baixo indicada**, as gravações e transcrições da entrevista, feita em minha residência, na cidade de [nome], na data de [...], com o entrevistador, [...].

A doação desses materiais está sujeita a seguinte condição: **aqueles que tiverem acesso a transcrição da entrevista, poderão escutar a gravação somente para sua informação, não podendo parafraseá-la ou citá-la direta ou indiretamente** (*grifos meus*).

O candidato a mestre era avô de uma orientanda, que decidiu fazer seu Trabalho de Conclusão de Curso em história utilizando-se de três entrevistas por ele realizadas<sup>2</sup>. No entanto, o “Contrato de Doação” utilizado na época não previa citações diretas, tampouco indiretas, podendo o pesquisador “escutar a gravação apenas para sua informação”, ou seja, praticamente impossibilita o uso da fonte. Desta forma, uma das preocupações do trabalho de minha orientanda está sendo localizar os familiares dos entrevistados para conseguir novas autorizações. Um dos aspectos que estão sendo trabalhados é que o excesso de zelo por preservar a identidade dos entrevistados e as informações por eles levantadas, é certamente reflexo das preocupações

<sup>2</sup> O trabalho intitula-se “*As entrevistas de Simão Willemann: História oral, memória e o ofício de professor no interior do estado de Santa Catarina*”, de autoria de Karla Willemann Schutz, acadêmica do curso de História da Udesc, com previsão de defesa para 2012. O trabalho traz uma importante contribuição para a história da história oral no Estado.

metodológicas do período, momento em que a história oral estava sendo introduzida no Brasil. O Laboratório do Departamento de História Oral da UFSC foi criado em 1975, mesmo ano em que surgiu o CPDOC no Rio de Janeiro, tendo como objetivo produzir e preservar o acervo de entrevistas realizadas por historiadores e alunos do Curso de graduação e/ou Pós-graduação de História. Pensar a estrutura das Cartas de Cessão permite enxergar algumas das transformações metodológicas da história oral, e faz parte das preocupações do historiador do tempo presente, num movimento de constante reflexão sobre os métodos empregados, tecendo um trabalho que agrega constantes redefinições em seu fazer.

A preocupação com o uso do depoimento por terceiros nas Cartas de Cessão pode possibilitar a doação do material gravado a instituições públicas aptas a recebê-lo, contudo, cabe salientar que isso nem sempre é possível. Esses espaços costumam realizar e armazenar entrevistas relacionadas a Programas de História Oral específicos, não havendo o interesse em depoimentos que não tenham relação com tais projetos. Instituições que possuem arquivos orais não são tão numerosas e com propostas tão abrangentes para abrigarem em seus acervos todas as entrevistas realizadas pelos historiadores orais nas mais variadas pesquisas. Além disso, nem todos os programas de pós-graduação possuem Laboratórios de História Oral visando armazenar as entrevistas realizadas por seus alunos. Outro fator é o questionamento sobre até que ponto entrevistas que atendem a fins específicos de determinada pesquisa poderiam interessar a outros pesquisadores. Segundo Portelli, “a primeira coisa que torna a história oral diferente, [...] é o fato de revelar menos sobre eventos que sobre significados” (1997, p. 31). Portanto, um dos elementos que faz dessas fontes criadas sob objetivos específicos documentos ímpares, que podem servir a outros estudos, é a “subjetividade do expositor” (PORTELLI, 1997, p. 31), presente seja qual for o tema que tenha motivado a entrevista. Nesta

perspectiva, tratando-se de entrevistas de histórias de vida ou temáticas, a subjetividade do depoente, os significados por ele atribuídos aos eventos, conferem legitimidade ao uso dessas fontes por outros pesquisadores, o que as torna documentos relevantes para diferentes pesquisas. As fontes orais, como qualquer outra fonte, podem despertar diferentes interpretações, novas leituras, outros olhares e distintos usos quando empregadas em outros estudos que não aquele que as originou.

Aqui cabe citar um exemplo. Recentemente escrevi um artigo intitulado “O arquivo de fontes orais do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant’Ana: problematizando memórias sombrias (CEDOPE/HCS)”<sup>3</sup>, utilizando 16 entrevistas realizadas por outra pesquisadora. Tratam-se dos depoimentos gravados pela enfermeira Eliani Costa (2010), em função de seu doutorado em História da Enfermagem. As entrevistas realizadas com médicos, enfermeiros e assistentes sociais, foram registradas atendendo a metodologia da História Oral, com o seguinte objetivo: “historicizar as transformações ocorridas no Hospital Colônia Sant’Ana, antigo hospital psiquiátrico catarinense, em especial na enfermagem, a partir do ingresso dos enfermeiros com seus saberes, no período entre 1971 a 1981” (COSTA, 2010, p. 35). Meu objetivo se difere das preocupações da pesquisadora; procurei perceber a arquitetura do sofrimento presente nos depoimentos registrados por Costa, os quais desvelam aspectos sombrios da década de 1970, período em que a instituição vivia o ápice de sua superlotação, entendendo o sofrimento denunciado por tais falas como um acontecimento histórico capaz de suscitar novos arranjos sociais. Desta forma, as mesmas entrevistas serviram como fonte de pesquisa para dois trabalhos bem diferentes em suas propostas, o que é comum com qualquer outra fonte, mas que ainda

---

<sup>3</sup> O qual que será apresentado no XVII Congresso Internacional de História Oral, que ocorrerá em setembro desse ano [2012] em Buenos Aires.

gera discussões quando se trata de história oral. O uso desse material só foi possível porque Costa o disponibilizou à pesquisa, doando as entrevistas ao Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant'Ana (Cedope/HCS), o que só foi permitido, pois o Termo de Cessão de Entrevista utilizado previa o uso por terceiros.

#### TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Eu, \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador(a) da carteira de identidade n.º \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Tese de Doutorado da Enfermeira Eliani Costa (HOSPITAL COLÔNIA SANT'ANA: O SABER PODER DOS ENFERMEIROS E AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS (1971-1981), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso da gravação a terceiros, ficando vinculado o controle do GEHCES. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Com a autorização do Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde da UFSC (GEHCES/UFSC) e da autora da tese e responsável pelas entrevistas, tais fontes foram confiadas a um órgão público, podendo ser consultadas. Isso está motivando a doação de outras entrevistas realizadas por pesquisadoras ligadas ao Grupo de Estudos, objetivando a criação do “Arquivo de Fontes Orais da História da Saúde Pública em Santa Catarina”, junto ao Cedope/HCS. Como Coordenadora Técnica do Projeto, uma das preocupações ligadas à criação desse arquivo está sendo situar o pesquisador nos objetivos que motivaram as entrevistas doadas. Por isso, além da “Folha de Rosto” e da “Ficha Técnica”, será adicionada uma breve introdução informando dados sobre a tese ou dissertação que motivou a entrevista, o roteiro e/ou questionário utilizado pelo pesquisador, bem como uma espécie e minibiografia com dados referentes ao entrevistador.

Atualmente, os cuidados com o armazenamento, com a qualidade da gravação, e o uso cada vez mais frequente de entrevistas realizadas por

terceiros, indicam uma preocupação com a utilização da fonte, criada para atender pesquisadores “presentes e futuros”. Conforme Dominique Veillon, esta é uma tendência cada vez mais presente na história oral, implicando em um cuidado na preservação dos registros sonoros, visando sua disponibilização a outros pesquisadores:

Até recentemente, era comum para o historiador prestar uma atenção apenas secundária a questões metodológicas, éticas e técnicas sobre fontes orais. Considerando-se o único destinatário da fonte, pouco importava a ele as condições de registro ou de armazenamento. Alguns até não intencionavam manter suas gravações, destruindo-as após o uso. Outros viram nessas gravações como uma fonte secundária que não poderia substituir a palavra escrita e por isso não cuidavam de seu futuro. Uma mudança tem surgido nos últimos anos para harmonizar este tipo de história, institucionalizando-a e dando-lhe um status diferente. Há um esforço para melhor garantir a sobrevivência dos arquivos sonoros. Vários congressos de arquivistas optaram por consagrar uma parte de seus trabalhos, esforçando-se em particular em sensibilizar os praticantes da história oral para os problemas da preservação dos documentos e sobre a importância da coleta e arquivamento dos arquivos orais. Historiadores que utilizam a oralidade são mais propensos a não trabalharem sozinhos, eles agora aceitam sem muita hesitação, confiar seus registros a serviços especializados para que eles sejam mantidos em boas condições. Esta é uma evidência que a história oral está prestes a ser cada vez mais solicitada (VEILLON, 1992, s/p. Trad. VTB).

Cabe salientar que em alguns casos a restrição ao uso das entrevistas pode ser necessária. Memórias traumáticas, memórias subterrâneas, lembranças ligadas ao sofrimento, constituem vestígios de passados sensíveis, cujas testemunhas, em muitos casos, solicitam anonimato e sigilo sobre as informações reveladas em seus depoimentos, conferindo seu uso apenas ao pesquisador que as entrevistou. Quando liberada a consulta, os entrevistados podem ter garantido o sigilo em relação a sua identidade, pelo uso de pseudônimos ou com a possibilidade de revelar apenas as iniciais dos entrevistados, garantindo o acesso à informação sem prejudicar o depoente. Tais cuidados são fortalecidos pela submissão dos projetos de pesquisa acadêmicos aos Comitês de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Preocupações referentes ao “Grau de Risco aos Indivíduos Pesquisados e

Procedimentos de minimização” (UDESC, 2010) procuram mostrar que todo o procedimento de pesquisa envolvendo seres humanos apresenta algum tipo de risco, que pode ser “físico, psíquico, cultural, social, entre outros”. Evidenciando a necessidade desse cuidado, a submissão do projeto aos Comitês de Ética leva o pesquisador oral a refletir sobre as questões imponderáveis muitas vezes suscitadas por seu trabalho de incitar a rememoração nos sujeitos entrevistados, propondo procedimentos que minimizem eventuais danos. Outro cuidado se refere à garantia de sigilo de dados, problematizando a necessidade ou não de identificação dos sujeitos de pesquisa, solicitando a justificativa para tal procedimento baseada em literatura especializada sobre o tema.

Por fim, gostaria de tratar dos arquivos sonoros, conforme Voldman:

quando se trata, para um historiador, de trabalhar sobre documentos gravados por outros, em contextos remotos ou totalmente diferentes de suas preocupações, estamos diante de um caso idêntico ao de qualquer tipo de arquivo, não havendo aí matéria de discussão (2002, p. 36).

Para a autora trata-se de um tipo qualquer de arquivo, “simples arquivos sonoros”, não havendo nesse caso “matéria de discussão”, ou seja, tais fontes não guardam as especificidades das fontes orais. Os dois textos de Voldman que tratam do tema: “Definições e usos” e “A invenção do depoimento oral” foram publicados no livro “Usos e Abusos da História Oral”, organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, cuja primeira edição é de 1996. A autora procurou se antecipar, afirmando que logo chegaria o momento em que o uso de entrevistas gravadas por outros seria corrente e que isso geraria novos questionamentos. Passados 16 anos da publicação, creio que o assunto merece atenção, tornando-se uma demanda imposta pela atualidade, desvelando novas possibilidades a utilização da história oral.

Sobre isto, trago um exemplo final. Estou finalizando um projeto de pesquisa que visa digitalizar e transcrever cerca de dez fitas K7 com entrevistas

gravadas por Hiedy Assis Corrêa, o Hassis, importante artista plástico catarinense, pertencentes ao acervo da Fundação Hassis<sup>4</sup>. O suporte já obsoleto acabava dificultando o acesso às informações, visto que ninguém conhecia o conteúdo das fitas, apenas acreditava-se que eram entrevistas. O material registra a fala de Hassis, por jornalistas e pesquisadores nas décadas de 1980 e 1990 e cuidadosamente guardada pelo artista. O material foi digitalizado e transcrito, visando à criação de um arquivo de fontes orais junto à Fundação, contribuindo de forma significativa para pesquisas ligadas à história da arte em Santa Catarina, além de atuar na preservação deste importante acervo. Por se tratarem de entrevistas realizadas ao longo da vida de Hassis, realizadas com objetivos bem variados, o trabalho realizado nesse momento consiste na pesquisa para descobrir os autores e os propósitos das entrevistas.

Neste trabalho com os depoimentos, foi possível perceber que as falas de Hassis entrelaçavam vida e obra, sendo possível pensá-las como depoimentos de história de vida ainda que não tenham sido construídas sob a perspectiva metodológica da história oral, permitindo que “ao longo da narrativa da trajetória de vida” (ALBERTI, 2004, p. 38) empreendida pelo personagem, outros temas relevantes para diferentes pesquisas sejam aprofundados como, por exemplo, a arte contemporânea e seus espaços em Florianópolis. Desta forma, as entrevistas de Hassis, realizadas em outros contextos de pesquisa, não constituem “qualquer tipo de arquivo”, conforme apontou Voldman (2002, p. 36) sobre os arquivos sonoros, mas guardam as especificidades que caracterizam as fontes orais, desvelando impressões, risos, lágrimas, enfim a subjetividade do depoente, permitindo problematizar questões ligadas à construção da memória. Trazer à luz essas falas gravadas por outros e guardadas por Hassis ao longo de sua existência, evidencia o

---

<sup>4</sup> O projeto intitula-se “Um acervo autobiográfico: preservação, patrimonialização e memória na Fundação Hassis”, e conta com o apoio de uma bolsista de Iniciação Científica.

esforço do artista em apreender o passado, enunciando sua invenção autobiográfica, juntando, acumulando, guardando, tudo o que considerasse importante a seu respeito. Tais elementos mostram as variadas possibilidades de pesquisa suscitadas por essas fontes.

A necessidade de discutir a constituição de fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros é certamente consequência das reverberações da História do Tempo Presente; história esta apreendida em pleno desenrolar dos fatos, frente a acontecimentos que se desencadeiam num fluxo sempre mais rápido que o historiador. Tentar explicar uma história ainda prenhe, buscando entender as fontes em pleno movimento, exige um repensar constante sobre os métodos utilizados, compondo um exercício de história imediata que implica ainda definições em seu fazer. Sob tal perspectiva, a utilização das falas gravadas por outros devem fazer parte das preocupações dos historiadores orais, tecendo novas possibilidades e desvelando os limites dessas fontes para a história do tempo presente. Tais reflexões permitem traçar novos caminhos para a disciplina, problematizando questões metodológicas e técnicas da história oral por nós hoje realizada e apreendida enquanto fonte.

## Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CERTEAU, M. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 56-108.

COSTA, Eliani. *Hospital Colônia Sant'Ana: o saber/poder dos enfermeiros e as transformações históricas (1971-1981)*. Florianópolis, 2010. Tese (Doutorado em História da Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CPDOC. *Informações*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/programa>. Acessado: 01 fev. 2012.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru/SP: Edusc, 1999. p. 103-117.

LÚCIDE, Dayse; KALIL, Thamar. *Oficina: Como realizar entrevista/História Oral*. Semana Envolver. Jequitinhonha/MG: UFVJM/PROEXC, 2009.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto história*. São Paulo, n.14, p. 7-24, 1997.

UDESC. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Comité de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH*. Protocolo de Submissão. Versão dez. 2010.

VEILLON, Dominique. Technique de l'entretien historique. La bouche de la vérité? *Les Cahiers de l'IHTP*. Paris, n. 21, 1992. Disponível em : <http://www.ihtp.cnrs.fr/spip.php?article240.html>. Acessado: 01 fev. 2012.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2002. p. 247-265.